

No ano, 17 índios foram assassinados

Para o Cimi, disputa de terras é a causa de 12 das 17 mortes

Adauri Antunes Barbosa

• SÃO PAULO. Na última sexta-feira o índio kaingang Adilson Cardoso foi morto com uma facada na garganta, em Faxinal do Sul (RS). Ele foi o 17º índio assassinado este ano. Ontem, um grupo de 20 índios, dos 70 que estão acampados na Esplanada dos Ministérios, em Brasília, ouviu do ministro da Justiça, Márcio Thomaz Bastos, o compromisso de resolver com rapidez a situação de demarcação e legalização de nove áreas em Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul. Segundo os índios, cenas de violência são protagonizadas por fazendeiros que estão pressionando o governo para que áreas indígenas não sejam demarcadas.

Dos 17 assassinatos de índios nos seis meses do governo Lula, segundo o Conselho Indigenista Missionário (Cimi), 12 estão diretamente ligados a conflitos de terras. A violência, segundo o presidente do Cimi, dom Gianfranco Maserdotti, bispo de Balsas (MA), é consequência da política do governo, que não está conseguindo levar adiante os compromissos de campanha.

— Assistimos a uma multiplicidade de ações e omissões do governo federal, sempre favorecendo os setores anti-indígenas da sociedade brasileira — diz dom Gianfranco.

O Cimi, um órgão da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), acusa o governo de apoiar a criação de co-

missões estaduais contra a demarcação de terras e projetos de lei, defendidos pela base governista, que protegeriam invasores de terras indígenas. O conselho denuncia ainda a ausência de políticas públicas nas áreas de saúde, educação, assistência e recuperação ambiental nas reservas.

O presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Eduardo Almeida, discorda da avaliação de que falta firmeza ao governo para cumprir os compromissos com os povos indígenas.

— Alguns segmentos estão testando o governo. Muitos dos conflitos com os índios são provocações de pessoas que sabem da definição do governo em favor dos excluídos — disse. ■